

Repórter X

LISBOA SUBTERRÂNEA



A HORA FATAL DAS CIDADES

Esta reportagem [?], sobre a *Hora Fatal das Cidades*, nasceu num desses momentos de êxtase, em que a alma, o cérebro, os sentidos e a própria Natureza que nos cerca parecem estacar toda a vibração da vida. Foi ao cair da tarde, após um dia anémico, ora sombrio ora raiado por alguns sorrisos de sol amarelento, doentio, um sol que entristecia, que acabrunhava como um mau agoiro. Tinha sido tão brusca a mutação para poente e tão lenta a tintagem negra do anoitecer que os tons violáceos que empapavam o cenário citadino se alastraram como manchas de gangrena em carne virginal. Dir-se-ia que a tarde, entrara, agonizante, naquele minuto supremo do dia e que a morte a fulminara, antes da noite, deixando-a assim, ao abandono, numa decomposição de luzes que se esverdeavam sem se apagarem...

... Fazíamos horas para jantar o meu amigo e eu num vaivém de sonâmbulos, pela Praça dos Restauradores. Ambos nos sentimos debruçados sobre a mesma tragédia angustiosa, subtil e invisível, daquele poente cadavérico. Lisboa estava como que fechada numa ampola de cristal fosco que nos asfixiava. O próprio *bruhaha*, orquestração de mil vozes, de mil ruídos, era amordaçado, vindo dalém fronteiras do invólucro, que nos sequestrava, como eco de uma vida distante e não da nossa própria vida, da vida que nos cercava... Ao movimento faltava-lhe som; ao som faltava a imagem tudo num *au relanti* aflitivo, de pesadelo... E o sol, que já partira, que nada tinha a fazer na terra, deixara, no horizonte uma golfada vermelha, como vestígios num lenço azul, da última hemoptise de um tuberculoso já no seio da morte...

- As cidades, todas elas, têm, como nós, as suas horas alegres, as suas horas loucas, as suas horas tristes, as suas horas trágicas, as suas horas fatais! – disse, por fim, o meu companheiro de neura. – Vi Paris, na sua hora de orgia e vi-o do último andar do meu hotel, quando o silêncio era absoluto e as ruas pareciam um palco, após um espectáculo. Mas a orgia que se anichava pelos *caveaux* de Montmartre, pelas *garçonnières* da Étoile, pelas *fumeries* dos Campos Elíseos, pelos cafés de Montparnasse era apenas uma obediência à hora – uma hora impregnada de sensualidade, num seio voluptuoso, nu de nuvens, enjado de estrelas – palpitando no ar os beijos raivosos, carnívoros que se trocavam, àquela mesma hora, entre milhares de bocas... Adivinhei a hora feliz de Londres, às seis da tarde, a hora dos que a ganharam após um dia de labuta e que dando o braço à mulher que amam, realizam todo o programa de ventura, numa jantarada ingénua nos *restaurants* económicos do *trust A. B. C.* ou numa sessão de cinema de West-End. Mas de todas as horas, aquela que mais me impressiona, aquela que chancela e autentica todas as outras é a hora fatal. Você nunca pensou na hora fatal das cidades?

*
* *

Foi, não num poente trágico como este, mas sim, numa manhã que despontava, mais lúgubre e enervante do que este entardecer, que eu pressenti a hora trágica de Lisboa. Eram nove horas e quarenta e sete minutos! Os meus olhos tinham-se fixado no relógio da *gare* do Rossio, quando ouvi um estampido que parecia subir do Inferno! Oito vítimas inocentes! Reflecti, folheei livros e todas as grandes tragédias de Lisboa, todas as fatalidades colectivas vinham, pontualmente àquela hora! Começamos... por onde a nossa vista alcança. A cidade era dos mouros. A hora fatal para eles foi aquela em que os

invasores a tomaram. E sabe a que horas caiu Lisboa em poder dos cristãos? Às nove horas e quarenta e sete minutos! São dezenas as coincidências, dezenas as provas eloquentíssimas do que afirmo, mas citar-lhe-ei apenas os factores de maior claridade. A notícia da derrota de Alcácer-Quibir chegou a Lisboa às nove e quarenta e sete minutos! Como posso eu garanti-lo até à minúcia dos minutos? Pela mesma técnica de deduções que me guiou na precisão da tomada de Lisboa. A missa campal da soldadesca foi realizada às oito e meia da manhã; partindo dessa informação, totalizando todos os gastos de tempo que se interpuseram todos os gastos de tempo que se interpuseram à queda da porta da cidade dá uma hora e quarenta e sete minutos. O cardeal saía da missa quando soube da notícia da derrota das nossas tropas. Ela fora recebida, em primeira mão, pelo Nuno Marco que não quis perturbar o cardeal antes do santo ofício, chegando no momento em que ele saía do seu palácio. Do palácio à igreja, calcula-se sem errar, vinte minutos. Eram, portanto, nove horas e quarenta e sete minutos quando a notícia chegou a Lisboa. Mais, passava das nove horas quando Lisboa teve o conhecimento da perda da nacionalidade, em 1580! Foi às nove horas e quarenta e sete minutos que o regente D. João embarcou para o Brasil. Foi às nove horas e quarenta e sete minutos que Junot e o seu Estado Maior entrou, pelas portas de Arroios, em Lisboa...

Mas não é só Lisboa que tem a sua hora fatal... em Paris fixou-a o destino para as 8 horas da noite. Todas as tragédias colectivas parisienses, desde S. Bartolomeu até à primeira invasão dos Godos estão registadas a essa hora. A hora fatal de Madrid é às 2 da madrugada. Desde a louca vingança de D. Bello, o incendiário, até aos seus últimos dramas poucos são os que fogem, por minutos mesmo, da sua hora fatal. Mas as outras cidades não nos interessam... Você já sabe. A hora fatal de Lisboa é às nove e quarenta e sete minutos.

Confesso francamente: desde então não passo uma só manhã sem que acorde sobressaltado, às nove horas e sem que vigie, amedrontado, a evolução do ponteiro durante quarenta e sete minutos.

O SEGREDO DA ESTÁTUA DE D. JOSÉ

Por muito metódica que seja a organização de um jornal como o nosso, dificilmente se pode exercer uma vigilância total, directa e perfeita sobre todo o enxame epistolar que tomba, a diário, sobre nós. Para seleccionar entre as cartas-cinza, as cartas-oxigénio, as cartas fantasiosas, infantis ou delirantes as que, realmente, nos oferecem filões de assuntos preciosos sem outro material de análise do que a fisionomia do envelope, a expressão caligráfica, a epiderme do papel, as íris da estampilhagem seria necessário o poder profético dos *fakires*... Há poucos dias, procurando nós ceifar da nossa secretária o alto joio da papelada inútil, que sobre ela cresce continuamente, pulou-nos para as mãos uma carta-virgem que nos alvoroçou como um palpíte. Dizia assim:

Meu caro X – Recordas-te do affaire relativo ao segredo da estátua de D. José? Eu, pelo menos, não me esqueci do que suei ao acompanhar-te nesta luta contra as trevas. Visiona a minha emoção ao saber que se encontrava em Lisboa, de regresso do Brasil, o sr. Mário Keller, descendente daquele Baltazar Keller, pessoa da confiança de Pombal, que tanto discutimos, e que possuía ainda os documentos que tanto cobiçámos para podermos decifrar o enigma. Continuo aqui, na Nazaré, em férias forçadas; e como não posso afastar-me, envio-lhe esta carta para que ele se te apresente e te exhiba a sua papelada histórica. Depois me contarás o que viste. Atende, pois, o portador, o meu amigo sr. Keller, e não percas muito tempo em recebê-lo, visto que pensa demorar-se pouco tempo aí. É do teu máximo interesse jornalístico. Teu velho, etc. – Luiz Rosado de Magalhães.

Lemos esta carta, numa crescente emoção, como se no-la acabassem de entregar! Recordámos, sim, a ansiosa batalha que travámos contra a muralha chinesa daquele mistério pombalino e a mágoa com que tínhamos abdicado ante a força poderosa do indecifrável! Mas eis que a verdade vinha, pelo seu pé, oferecer-se-nos, rendida e sem luta! Finalmente! O segredo da estátua de D. José, essa maravilha pombalina que chancela, com a mais altiva beleza plástica, a paisagem lisboeta, ia ser revelado!

Um tesouro no lixo

Há anos, estando nós de passagem em Paris, cirandámos pelo cais da margem esquerda do Sena, onde, numa extensão quilométrica, acampam os mais excêntricos *bric-à-braquistas*, alfarrabistas e ferros-velhos da Terra, num estendal pitoresco dos mais extravagantes artigos. Algumas dessas barracas agoniam como um monturo; mas é precisamente nessas barracas que se encontram, como num milagre, objectos preciosos, quase dados... Vasculhámos num cesto onde se amalgamavam estampas do século XVIII e folhas soltas de velhos livros, iluminuras enodoadas de gordura e manuscritos valiosos, lixo de vazadura e tesouros de biblioteca. Súbito desabrochou entre os nossos dedos um volume descolado, amarelento, descarnado da brochura... Ao folheá-lo, picou-nos logo de curiosidade uma gravura de madeira reproduzindo a estátua de D. José I, em Lisboa. Interessou-nos logo conhecer título, autor e data: *Les Mystères des Villes – Souvenirs de voyages par l'Abbé Pierre de St. Juste – Paris-1776*, ou seja três anos após a inauguração

solene do monumento. Adquirimo-lo sem regatear e corremos sofregamente a fechar-nos com ele no nosso quarto de hotel, como um galã que rapta a donzela amada e que teme que a arranquem dos seus braços antes que esses braços a enlacem por completo, no momento supremo da posse...

O Abade Pierre St. Juste não era um nome inédito. Camilo, se não nos equivocamos, refere-se a ele numa das suas *Noites de Insónia*, retratando-o como um temível bisbilhoteiro dos mistérios, intrigas e crimes das cortes europeias, tendo pago a sua curiosidade com a dureza do cárcere em Madrid, em Berlim e mesmo em Paris, onde se salvou graças ao favoritismo de uma das beldades do harém real. *Les Mystères des Villes* é um rosário de bisbilhotices, uma das quais desvenda certo segredo íntimo de Voltaire que, a ter-se popularizado, teria produzido uma metamorfose total na opinião estabelecida a propósito do autor e da obra do *Candide*. Durante sete capítulos procurámos ansiosamente a razão daquela gravura... Só o oitavo sossegou a nossa impaciência. O título dizia assim: *Um rei de bronze, um ministro de ferro e um artista de ouro*, e estava dedicado ao mistério pombalino.

Baltazar Keller, o favorito

Depois duma pitoresca descrição de Lisboa após o terramoto e da crónica de todas as tragédias políticas do reinado de D. José, Pierre de St. Juste acusa o soberano de ser da mesma força do seu primeiro ministro e afirma que ambos premeditavam os mesmos crimes, combinando-os de acordo, a começar pela chacina dos Távoras e Aveiro.

“Se um dia – escreve St. Juste – se esclarecerem todos os mistérios sangrentos deste reinado, um e outro [D. José e Pombal] irão parar ao Inferno da História assim como as suas almas estão destinadas ao Inferno de ... Belzebu. Têm-se defendido habilmente, usando de muitas cautelas, por vezes tenebrosas, em todos os seus actos, limitando ao mínimo o número dos seus cúmplices e liquidando-os, mal estes deixam de ser-lhes úteis ou logo que exista a menor suspeita de possíveis indiscrições. Durante a minha última estadia em Portugal relacionei-me com um dos poucos auxiliares secretos do ministro, que continuava ao seu serviço com temor... de lhe suceder o que tem sucedido a outros, e cujo nome não publico para que ele não sofra as dolorosas consequências da confiança que depositou em mim. Ah! Se eles soubessem que eu possuía a chave do segredo da estátua de D. José, antes de passar as fronteiras teria... desaparecido!

O ministro, apesar do poderio que exerce sobre o monarca, não perde nunca a oportunidade de o bajular. A ideia dessa consagração para além dos séculos que foi a do monumento, prova-o bem. O Marquês de Pombal gizou-a ao principiar a reedificação de Lisboa, após o terramoto. O primeiro projecto foi feito pelo capitão de engenheiros Eugénio dos Santos Carvalho, mas o ministro recusou-o, não se sabe o motivo. Outros projectos se seguiram e, após um demorado estudo em que o marquês obrigava os seus *fiéis* a estranhas investigações exteriores... sobretudo em redor do local onde ela se ergueu por fim, eram igualmente devolvidos aos autores. Só o do arquitecto Joaquim Machado de Castro mereceu a aprovação governamental. Colaboraram com Machado de Castro, auxiliares, Leal Garcia, Joaquim Leitão, José Elveni e Alexandre Gomes (discípulo de Giusti). O tenente coronel Bartolomeu da Costa, director do Arsenal, foi encarregado de a fundir. A sua fundição pode ser considerada uma proeza, visto que foi feita dum jacto, no dia 15 de Outubro de 1774, levando apenas 8 minutos. Mas, e é aqui que se iniciam as confidências que escutei *sur place* no dia da inauguração, o verdadeiro autor desse prodígio foi Baltazar Keller, de quem mais adiante falarei [...]. A estátua, que tem 24 pés de altura, gastou 656 quintais de bronze. Foram necessários 83 operários para que, durante seis meses, retocassem a obra. A elevação da estátua realizou-se no dia 20 de Maio de 1775 e a sua inauguração, entre festejos sumptuosos (a que eu assisti, como já informei), foi a 6 de Junho, coincidindo com o aniversário de D. José, outra prova do servilismo do marquês.

À volta da estátua cruzaram-se várias intrigas e nunca, como neste assunto, o ministro demonstrou tão granítica teimosia, contrariando as mais legítimas explicações dos artistas, sobretudo as do autor, Machado de Castro, que caiu no desagrado do tirano, até ao extremo de lhe ser proibido presenciar a inauguração da sua obra. Mas, de todos os boatos que correram, o mais grave é aquele em que se afirmou que a teimosia do marquês não significava capricho do seu carácter altivo, orgulhoso e déspota, mas sim “cumprimento à risca do plano preconcebido”. Segundo esse mesmo boato, ele pretendia, ao mesmo tempo que dava uma satisfação à vaidade real, realizar um velho e secreto plano, plano em que garantia melhor o futuro mal agoirado (todos os portugueses dizem que no dia em que D. José morrer o marquês pagará bem caro os seus crimes se não fugir a tempo...) e em que desmentiria o seu poderio. Como? Porquê?

Antes de reproduzir o que escutei a este propósito, vou narrar outros episódios que mais agravam as suspeitas populares. Baltazar Keller, apesar da inferioridade da sua situação foi, de todos os que intervieram na realização da estátua, aquele em quem o marquês depositava maior confiança, com quem conferenciava à porta fechada, quem punha e dispunha mesmo contra as ordens dos seus mestres. Ora dá-se o caso de Baltazar Keller ter sido encarregado de dirigir várias escavações, após o terramoto, em toda a zona que cerca o local onde a estátua se ergue. Mais: a estátua não estava para ser edificada no local onde se encontra. Foi Baltazar Keller quem o determinou; e como se estabelecesse controvérsia veio o ministro ordenar que se cumprissem as indicações de Baltazar. Além disso, e em contraste com as facilidades para que toda a gente pudesse visitar as oficinas onde a estátua foi trabalhada e onde foi fundida, fez-se uma verdadeira muralha em volta do pedestal, que foi preparado e colocado por operários estrangeiros, vindos expressamente para esse fim, e que regressaram à pátria mal terminaram a obra. Quem era a única pessoa em contacto com esses operários? Baltazar Keller!

Lisboa é uma cidade minada de túneis, e se muitos deles eram conhecidos dalguns privilegiados, sobretudo dos frades dominicanos e da Santa Inquisição, o terramoto veio revelar outros insuspeitados. O segredo da estátua de D. José I, segundo as confidências a que já me referi, assenta precisamente em [...]”.

Os gráficos

Calcule o leitor o duche gelado que foi para nós... o sermos obrigados a suspender a leitura neste ponto de culminante interesse, porque o volume recém-comprado não possuía mais páginas. Estava incompleto! Atirámos com o volume para o fundo de uma mala, no desespero de quem se sente burlado.

Meses depois encontrámos em Barcelos um antigo condiscípulo nosso, o dr. Luís Rosado de Magalhães. Fora nomeado delegado para uma comarca do Sul, e antes de tomar posse quisera repousar umas semanas no Minho. Uma tarde em que nos defendíamos mutuamente da monotonia provinciana revistando a livraria de que eu me fizera acompanhar, apareceu, como que por bruxedo, a obra incompleta de Pierre St. Juste. O interesse e emoção que esta descoberta causara em Rosado de Magalhães alertou-nos.

“– Há quantos anos busco eu este volume!” – declarou-nos.

“– E porquê?” – quisemos saber.

“– Porque possuo precisamente as 150 páginas finais. Se se ajustarem a estas, podemos construir um dos *puzzles* históricos mais curiosos de todos os mistérios da época pombalina”.

Corremos a sua casa e após uma rápida busca foram encontradas as 150 páginas, mal unidas numa brochura grosseira. Mas, nova desilusão! O nosso volume terminava na página 128; o dele começava pela 135. Faltava-nos precisamente o trecho da revelação da estátua.

“– Não percas as esperanças! – aconselhou o nosso ex-condiscípulo – Deixa-me primeiro mostrar-te alguns detalhes muito estranhos deste meu volume, para depois te contar como ele me veio parar às mãos. Primeiro: esta gravura em madeira

representando um gráfico ou pretendendo aparentar uma topografia, mas que é apenas um apontamento feito toscamente por alguém que não sabia desenho. Pierre de St. Juste explica assim...”. E leu a seguinte prosa que emoldurava a gravura: “O meu confidente sentiu-se ferido no seu amor próprio quando, terminada a revelação do seu segredo, notou certa incredulidade no meu semblante. E acantoando-se comigo ofereceu-me um gráfico que eu reproduzo de memória.”

“- Nota agora outro pormenor – prosseguiu Rosado de Magalhães – O livro data do século XVIII e tu vês coladas à página duas pequenas fotografias recortadas, uma representando a estátua entre o Arco da Rua Augusta, pelo que se conclui que foram sobrepostas há pouco tempo por uma das pessoas que possuíram este meio volume antes de mim. Sem essas *fotos* elucidativas dificilmente se decifrava o significado desta pseudo-topografia; mas graças a elas temos dois pontos de partida. O gráfico divide-se em dois. À direita desenha o Terreiro do Paço e marca várias setas – túneis subterrâneos talvez -, um que vem da esquerda onde está a Rua do Arsenal, outro de onde se ergueu o Arco da Rua Augusta, e onde colaram uma das fotografias e um terceiro que desemboca no cais. Os três irradiam ou vão ter ao local da estátua, depreende-se que pretenderam reproduzir uma série de subterrâneos sobrepostos, iniciada por uma espécie de poço aberto sob a estátua. Esse poço conduz a um recinto onde cavaram novo alçapão; e este, por meio de uma escada, a outro recinto onde desembocam os vários túneis apontados à direita. Além disso, ao tracejarem essas escadas e túneis, registaram as alturas, as distâncias e os ziguezagues do terreno... Será este apenas o segredo da estátua a que se refere Pierre de St. Juste? Mais adiante, colada numa folha branca aparece outra fotografia, que não pode datar da época da edição visto que não fora ainda inventada a máquina fotográfica. Representa uma escadaria subterrânea. Estaria relacionada com as revelações do gráfico? Nesse caso, alguém, recentemente e munido de um *kodak*, percorreu esses caminhos misteriosos que irradiam da estátua!

Vamos ver agora quem foi que me emprestou este volume. Quando estudava em Lisboa, depois de um conflito que me afastou de Coimbra, hospedei-me numa pensão modesta da Rua Pascoal de Melo. Nessa pensão vivia um jovem de aspecto curioso, muito metido consigo e que só intervinha nas conversas para nos surpreender com raciocínios ou afirmações diabólicas. Não sei porquê, engraçou comigo e começámos a visitar-nos nos respectivos quartos. Mostrei-lhe os meus livros e ele os seus. Uma noite, exibindo-me uma velha pasta preta de papelada, disse-me: “Estes documentos têm quase dois séculos e pertenceram ao bisavô de meu pai! Se um dia os publicasse caía o Carmo e a Trindade. Se lhe interessassem mistérios históricos emprestava-lhe esta papelada! Para começar leia este livro. Não está completo mas tem referências intrigantes a respeito de Portugal”. Levei o livro mas só muito mais tarde o abri. Fiquei como tu *aguado de curiosidade*. Quando quis pedir explicações ao rapaz que mo cedera, ele já tinha partido para o Brasil! E sabes como se chamava esse moço? Mário Keller... neto de Baltazar Keller, o escavador das ruínas de Lisboa, após o terramoto; o homem de confiança de Pombal; o dirigente da fundição da estátua e da edificação do pedestal!”

Lutámos durante meses, nós e Rosado de Magalhães, para iluminar completamente aquele enigma. Pierre de St. Juste explicara os manejos de Pombal dizendo que ele “não só pretendia defender melhor o futuro mal agoiado como alargar o seu poderio”. Como? Que relação podia existir entre uma coisa e outra? Buscámos descobrir o endereço de Mário Keller. Tudo inútil! Desanimados, desiludidos, abandonámos a empresa.

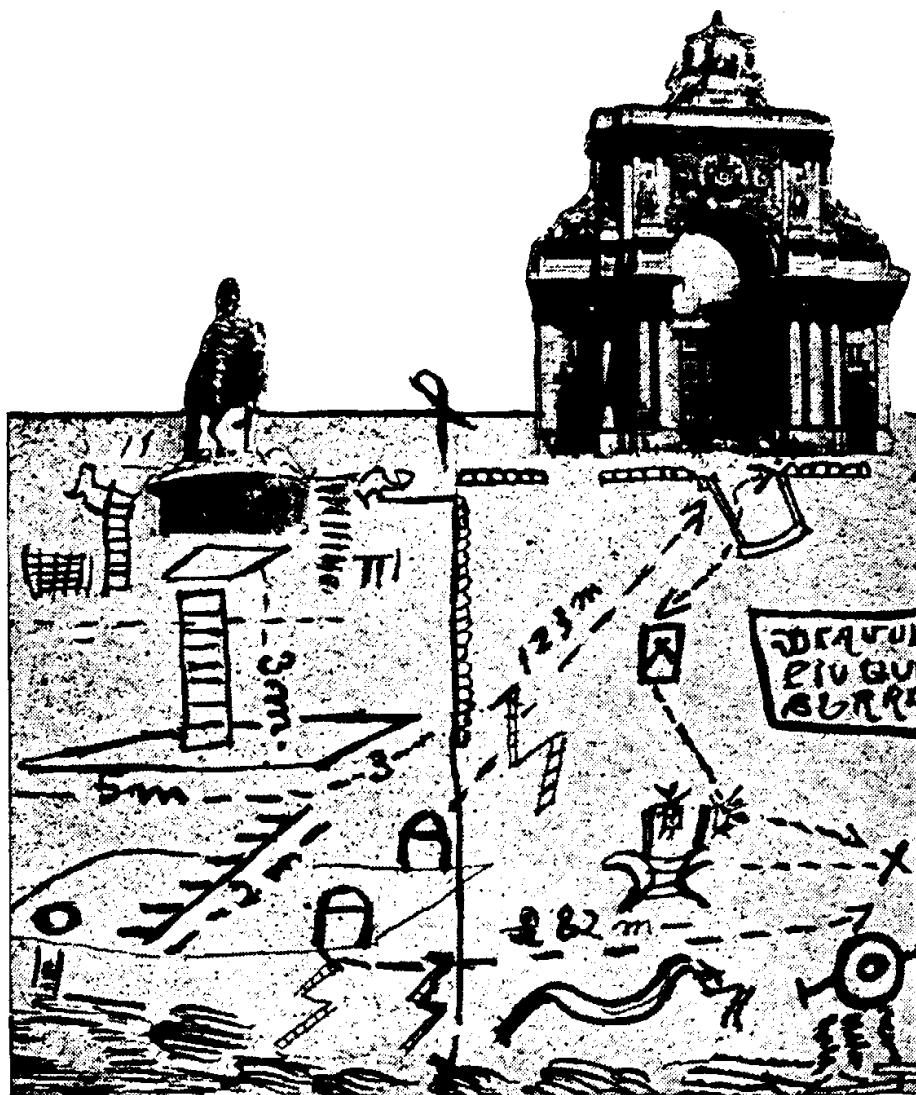
E o mistério continua denso e invencível...

Aquela carta de apresentação de Mário Keller era uma esperança! Vimos a data... Estava datada de há quase um mês. Interrogámos os contínuos: o portador daquela carta viera várias vezes procurar-nos e nós não o receberamos. Depois de novas buscas encontrámos um cartão de visita: *Mário Keller cumprimenta V. Exa. e não podendo*

voltar aqui pede-lhe para marcar uma entrevista, telefonando-lhe para o Hotel das Duas Nações. Corremos ao telefone ...

“- O sr. Mário Keller? Partiu há mais de 15 dias para o estrangeiro... Para onde? Não sabemos... Não nos deixou endereço...”

Tivemos a chave, o segredo, nas mãos e deixámo-lo voar! E o mistério continua denso, invencível...



O enigmático gráfico publicado pelo Abade Pierre St. Juste e a sobreposição das fotografias a que nos referimos

ADENDA

[...] recebemos uma carta que nos alerta com a seguinte notícia:

“Há tempos, vários passeantes nocturnos do Terreiro do Paço foram alarmados pela presença de um indivíduo que voltejava em redor da estátua e que fora já surpreendido a martelá-la. Um polícia que, uma noite, presenciou este caso prendeu o cavalheiro, que confessou ser de nacionalidade espanhola. *Encontraram-lhe no bolso notas soltas de um velho livro*. A notícia da prisão apareceu em vários jornais, mas fez-se imediato silêncio em volta do preso”.

Investigámos a veracidade desta informação. Ela é exacta. Obtivemos até os seguintes detalhes: que o espanhol era engenheiro e que viera a Portugal contratado por uma companhia mineira do Norte. Pouco tempo depois fizeram-se explorações em várias bocarras que desembocam no Tejo, frente à muralha do Terreiro do Paço... Com que objectivo foram elas realizadas? Não comentamos, mas vemos que comprovam o que escrevemos.

QUEM QUER UM TESOURO... que se perdeu no Terramoto de 1755 e que... ainda lá... deve estar?*

Que se visiona que de tesouros não se perderam irremediavelmente, num vandalismo aflitivo, durante esses minutos de *Amostra do Fim do Mundo*? Quantas riquezas amalgamadas com os destroços, confundidas com as ruínas, empasteladas no pó, engolidas pelas águas e pela terra, quando a terra, rasgando-se como papel, estilhaçando-se como cristal, fendendo-se ou abrindo bocarras esfaimadas tragou, triturou, os pedaços da cidade a esfarelar-se; quando o rio, como um copo que se entorna, alongou pela cidade as suas garras nervosas e líquidas e as enclavinhou sobre as ruas, que bailavam como loucas, e rapinou tudo o que às ruas deixavam cair e que depois escondeu, a correr, no covil imenso do seu abismo; quantas riquezas, quantas?!

... Não lhes vou, descansem, fonografar o repetidíssimo disco do que foi o terramoto de 1 de Novembro de 1755. Está decorado por todas as memórias, como se tratasse de tragédia recente. Quem ignora que eram nove e meia da manhã; que um terço de Lisboa rezava nas igrejas, em festa; que os cegos apregoavam, cá fora, as profecias do sapateiro Bandarra; que os principais templos, conventos, palácios, ruas, bairros inteiros se descastelaram, como feitos de baralhos de cartas; que grande parte da cidade ficou num oceano revolto de monturos; que o fogo cobriu de grinaldas rubras as ruínas; que dezenas de milhares de pessoas ficaram soterradas; que os rapinantes, afugentados dos covis ou das prisões destroçadas, caíram, como nuvens de abutres, sobre essas ruínas, violando, pilhando e matando, os moribundos que tentavam defender uma jóia ou uma recordação; que Pombal mandou erguer seis forcas; que...

Não! É escusado, porque é sabido. Falemos apenas dos tesouros perdidos. Se nessa época o povo, a escumalha, não vivia fofamente e à larga - Pombal, havia pouco que se guindara ao poder - a aristocracia, o clero e a própria burguesia prosperavam, anafadas, estolantes de fortuna. Nas Índias e nos Brais fidalgos governadores, traficantes sem classe e os frades e os discípulos de Loiola recolhiam às mãos cheias, as riquezas que tombavam do céu, ou ejaculavam do solo... Eram barcos e barcos, cheios, a transbordar, com todas essas riquezas, desde as especiarias miúdas e das sedas da Ásia, até às pedras maravilhosas, madeiras, ouro da América... Os palácios e os conventos eram museus de maravilhas, enormes cofres-fortes de nababos. E tudo se perdeu!!! Tudo?

José Filipe da Maia, filho, sobrinho ou neto ou coisa semelhante, de Manuel da Maia (engenheiro a quem muito se deve na reconstrução de Lisboa) publicou, quarenta e oito anos após o terramoto, ou seja, em 1803, uma espécie de livro de memórias, baseadas nas do seu ilustre ascendente, a que pôs o título de *Nas ruínas de Lisboa - Recordações e confidências*. Conhecíamos a existência desta obra porque a citam nas *Noites de Insónia*; nos *Azulejos* e nas *Folhas Soltas do Passado* de D. José Bacelar de Castro. Foi graças a esta última citação que demos com o parentesco do autor de *Nas ruínas de Lisboa* e do engenheiro Maia, colaborador de Pombal.

“José Filipe da Maia não foi testemunha da horrenda catástrofe - escreve D. José Bacelar (1887) - visto que nasceu em 1761, mas herdou do seu ilustre parente, o engenheiro Manuel da Maia, um sem número de valiosas recordações que, sem a publicação desse livro, ficariam perdidas, o que era, a meu ver, uma lacuna tremenda para os que, como nós, andamos pelas trevas da História acendendo pobríssimas

candeias aqui e além [...]”. E depois: “Uma das narrativas de maior curiosidade dessas recordações é a que se refere ao tesouro do *Santa Maria Blanca*”.

E sintetizando o relato, D. José Bacelar conta o seguinte:

Tinha chegado ao Tejo, nos últimos dias de Outubro, um navio espanhol *Santa Maria Blanca*, vindo do Rio de la Plata com hipotético rumo a Cadiz; e que, para abordar no nosso porto, usara do pretexto de graves avarias, consequentes dum temporal. Falsa era a explicação... A nau vinha carregada com um autêntico tesouro em pedras preciosas, reunidas por alguns padres da Companhia que traficavam na fronteira do Brasil e Paraguai e que, para despistar a vigilância severa do governador *Mendonça da Silveira*, tinham transportado as citadas riquezas até à margem do La Plata. Aí, de acordo e conjura com outros péssimos discípulos de Loiola, subornaram o capitão castelhano do *Santa Maria Blanca*, que se prestou a colaborar no contrabando. Pombal recebera dos seus esbirros informes alarmantes. O que alertara os espias governativos tinha sido as visitas constantes que vários padres da Companhia faziam áquele navio, às primeiras horas da manhã e às últimas do dia, durante três dias e com um recato e cautela suspeitosos. Esses padres pertenciam todos a um *Colégio de Santo Inácio* que existia então na Ala das Águas Santas, uma estreita ruela sem saída que devia começar, segundo nos ensina o autor de *Lisboa, da Revolução de 1640*, onde hoje se encontra o *Hotel Frankfurt* de Santa Justa (esquina da Rua Augusta) e terminar tortuosamente na Rua do Arco Bandeira, pelas alturas da Rua da Conceição.

Avisado do que se passava, o marquês ordenou um inquérito e em poucas horas estava senhor do segredo, até à minúcia de conhecer o valor exacto e imenso das jóias desembarcadas e o local onde os importadores as tinham ocultado. Existia nesse Colégio, um pequeno pátio, interior e sombrio; e no centro, um poço, fundo de oito metros.

Numa das paredes desse poço, a três metros da boca, tinham eles rasgado um rectângulo, espécie de cofre de pedra, cuja defesa era a própria água. As jóias, depois de guardadas numa pequena caixa de ferro, tinham sido confiadas ao cofre secreto do poço. Assim informado não seria difícil ao marquês pregar, uma das suas, aos padres contrabandistas, mas a Providência não quis, porque, quando o ministro se preparava para dar o golpe, a cidade foi sacudida pela fúria apocalíptica do terramoto de 1755 e com os palácios, conventos e casario o *Colégio de Santo Inácio* desmoronou-se, contorcendo as paredes e esfarelado-se todo, pedras e homens, móveis e tesouros, numa nuvem de poeira, franjada de chamas...

Contudo, o marquês não se olvidara por completo do tesouro das *Águas Santas*; e a essa conclusão nos leva uma passagem do livro de Filipe Maia: “Quando começaram a levantar os destroços, cada *vaga* de operários ficava encarregado de uma determinada zona; e juntamente aos *mestres* (capatazes?) estava sempre um comissário, atento e vigilante, não só para que, nas pressas do trabalho, não se deixasse partir para os entulhos e depois para o rio, objectos de valia, como também para evitar que os homens escondessem, em seu proveito, esses objectos. O que era encontrado digno de ser guardado ia para uma casa que o ministro criou, dando-lhe o nome de *Casa dos Achados*. Ao cabo de um mês já essa casa, que era um enorme barracão para as bandas da Junqueira, não podia receber nem mais uma agulha. Na manhã em que deviam de começar o desaterro das *Águas Santas* o mestre, recebeu ordem para não levantar do solo nem um punhado de cinza enquanto não chegassem os *comissários*; de facto, em vez de *um* apareceram *três*; e a meio da tarde Sebastião José veio em pessoa examinar o trabalho e conferenciar com os *comissários*. Estas visitas repetiram-se várias vezes. Mais tarde houve uma inconfidência: que os comissários tinham ordem para suspenderem o desaterro logo que dessem com o local onde tinha existido o poço do *Colégio de Santo Inácio*. Mas, repetira-se naquele ponto o que sucedera em muitas outras zonas da cidade: a terra fora retorcida como se numerosas garras, de monstruosa força, se tivessem enclavinado e feito com ela o que as lavadeiras fazem com a roupa, quando a tiram da água. Um desses espirais gretara, abrira dezenas de bocarras em redor – bocarras fundas como abismos – e por elas, como por alçapões, se sumiram montes de coisas, móveis, colunas, paredes, que depois, ao fechar das fendas, deviam ser prensados

pela própria terra. Alisado todo o solo onde dantes se erguia o colégio, não se viu vestígio do poço”.

Possivelmente o marquês acabou por desistir... O tesouro lá ficava para sempre, inútil dentro do seu cofre, nas entranhas da terra torturada pelo terramoto. E sobre esse terreno surgiu, anos depois, a nova cidade pombalina de amplas artérias e prédios majestosos...

VISÕES ACTUAIS DO TERRAMOTO DE 1755

Existem, sob Lisboa, descendentes das vítimas daquela catástrofe?

Esta reportagem nasceu da recordação de uma recordação; da reminiscência de uma reminiscência... Muitas vezes lembramo-nos de um episódio inverosimilmente distanciado de uma cena da nossa mais longínqua meninice e julgamos, erradamente, que essa cena, esse episódio ressurgiu no nosso espírito, vindo, em linha recta, da época em que se desenrolou. E não veio. É que a nossa memória conservou-o durante alguns anos, e antes de o apagar para sempre fê-lo reviver, um momento, passando de um arquivo para outro arquivo. Mas neste segundo arquivo do cérebro não é o primeiro, o autêntico caso que se guarda mas sim o seu reflexo, a recordação da recordação, a reminiscência da reminiscência. E assim se explica o que se vai ler...

Era o autor destas linhas menino e moço e, acompanhando a família a um jantar de festa, em casa de uns parentes, conheceu um cavalheiro idoso, com o rosto rubicundo pontiagudo por uma barbicha branca, olhos vivíssimos, conversa magnética de interesse que entreteve, durante toda a noite, os convivas. Escutámo-lo numa sugestão intensa, como se desfilasse ante nós um cortejo de maravilhas, de fadas e gnomos, feiticeiras e bruxas. Mas de todos os assuntos da sua palra constante um nos impressionou mais do que os outros, dilatando-se no nosso espírito e demorando-se num misto de horror medroso e de atracção misteriosa. Queríamos ver aquilo que ele descrevera, e ao mesmo tempo, mal anoitecia, afugentávamos essa visão como se fosse uma praga de papões... Depois, começou a espaçar-se essa recordação, e cremos que se diluiu por completo...

Isso foi... foi há uns bons vinte e cinco anos. E só outro dia um segundo facto, produzindo dentro de nós um clarão de interesse, veio iluminar esse facto esquecido, a palestra que escutáramos em pequenos, a um ancião de barba branca, num jantar de família...

Mistérios do terramoto japonês

A propósito dos últimos terramotos do Japão fez-se uma literatura completa. Os alemães, mais atentos que outro povo qualquer à *novidade* literária do estrangeiro, publicaram um resumo de todos os livros provocados por essa fatalidade *em série* dos nipónicos, ao qual deram o título de *San-Hot*. *San-Hot* é uma espécie de mitologia japonesa, fatalista, pessimista, profética, em que se glosa continuamente essa predestinação: “As ilhas da Deusa Sol nasceram das águas; não existiam onde estão. Uma manhã as águas abriram-se e elas apareceram. Uma noite as águas hão-de abrir-se e elas hão-de regressar ao fundo dos mares”...

O título do livro tem duplo sentido: o das profecias dogmáticas dos fanáticos e o dos estudos práticos dos sábios. E na selecção de vários trechos das várias obras dedicadas aos contínuos terramotos que têm sacudido o arquipélago de Madame Butterfly, um se salienta entre todos. Foi escrito por um sábio japonês, sumidade admirada por todas as academias. Ei-lo:

No norte de Osaka, o terramoto de 1923 manifestou-se de forma diferente do que nas outras cidades. A sacudidela foi menos violenta, mas em compensação a terra abriu brechas de forma inédita em todas as catástrofes semelhantes que a história regista.

Essas brechas em vez de serem vácuos triangulares (tradução textual) pelas quais se submergiam casas e gente, esmigalhadas depois pela convulsão da própria terra, que se contorcionava num movimento agónico, rasgavam-se como cubos de profundidade difícil de precisar, mas de abertura pouco vasta e extraordinariamente regular. Sucedeu até que várias casas, cujas dimensões correspondiam às das bocas dessas brechas, desceram pelo abismo lentamente, amparadas pelas próprias paredes recém-rasgadas, levando no seu interior todo o seu conteúdo, habitantes e haveres. Testemunhas incapazes de uma suspeita visual e muito menos de uma fantasia o garantiram e o explicaram, com todos os detalhes. Mas o mais intrigante desse fenómeno é que aos tremores que se seguiram essas fendas fecharam-se, não superficialmente, mas profundamente. Tanto assim que, inspirados pelos testemunhos já evocados, empreendemos escavações a 10, 20 e 30 metros, sem que se encontrasse um único vestígio dessas casas engolidas, inteiras, pela terra, como as cobras engolem os coelhos...

Lendas árabes sobre Lisboa subterrânea

Foi este o alarme que preparou o nosso espírito para a evocação do que escutáramos em pequenos. Mas não imediatamente a seguir à leitura destas revelações o recordámos. Essas leituras formaram um pólo; o outro pólo foi uma epístola que a propósito da nossa reportagem sobre Lisboa subterrânea nos dirigiu o ilustre arqueólogo dr. João Cabral Gouveia, a mais rica biblioteca de documentos históricos que existe no Minho e cujos serões, passados na província, são totalmente gastos em valiosíssimas investigações ao passado. Escreve-nos o citado dr. Cabral Gouveia, nos seguintes termos:

Meu caro R. X.: Recorda-se V. Certamente de várias conversas que tivemos, aqui, em minha casa, durante a sua última viagem pelo Minho e não se esqueceu ainda, estou certo, de certas insinuações que lhe fiz sobre o terramoto de Lisboa. Existe uma zona negra, sujeita a essa fatalidade, zona que alcatifa de ameaça parte da Ásia, o sul da Europa e que passando por Lisboa salta para o ocidente americano, desde a Califórnia até ao Chile. Mas nem todos os terramotos são iguais. Variam de estilo conforma a causa que é, de uma forma geral, vulcânica, mas que acompanha a variedade dos vulcões que lhes dão origem. Assim, a subzona de Lisboa depende dum vulcão ignorado, vulcão da Serra de Sintra, que mais tarde ou mais cedo (os sábios especialistas profetizam-no para daqui a 5 séculos) há-de regressar a uma actividade que se suspendeu em épocas imemoráveis. O estilo dos terramotos portugueses são eloquentemente semelhantes aos de certos pontos do oriente. Sobretudo aos do sul do Japão, devido às mesmas razões, produzindo os mesmos efeitos, como é natural...

Ora, segundo a opinião de vários viajantes ilustres que se dedicaram no Japão a esse estudo, cidades como Osaka, Yokohama, Tokio, etc., estão minadas de labirintos subterrâneos, tão matematicamente combinados que parecem obra dos homens e de homens inteligentes e cultos. Porque não havemos de atribuir a indiscutível existência dos subterrâneos de Lisboa aos terramotos que ela tem sofrido? Pode-se retorquir que o grande terramoto da capital deu-se em 1755 e que Lisboa subterrânea era já do domínio dos árabes, quando eles a possuíam, como senhores. E quem pode negar que Lisboa sofreu terramotos tão violentos, ou mais ainda, do que o de 1755, em épocas em que não foi possível registá-los na História?

Mas há mais e melhor. Um espanhol, catedrático em Sevilha e muito dado a estudos árabes-históricos – Leon de Castro – reuniu, em 1908, uma série de tradições orais, ainda hoje existentes entre os antigos dominadores da Sibéria, referentes à sua estadia na península. Desse livro, que se intitula Los árabes en Europa, recolho os seguintes trechos: “Uma das lendas mais pitorescas e inverosímeis que os árabes legaram da península, ao serem expulsos pelo cristianismo, e que melhor provam a sua ingenuidade, em desmentido ao optimismo dos que crêem na sua inteligência privilegiada, é a que se liga a Lisboa. Segundo essa lenda, quando eles, temendo a

conquista pelos lusos, se preparavam para utilizar certas passagens subterrâneas que haviam descoberto na velha cidade, e que os podia conduzir até ao rio, foram alarmados pelo ruído de vozes humanas que se filtravam através do solo desses mesmos subterrâneos. Após longas escavações, deram com uma gruta enorme, povoada por centenas de seres humanos, falando uma língua ignorada por eles e que vivam regularmente, iluminados pela fraca claridade que lhes vinha de umas frechas abertas a uma altura incalculável, e cultivando legumes exótico, produto natural da terra lamacenta que pisavam. Afirma ainda a lenda que essa gente, após mil trabalhos para se fazer compreender, explicou que descendia de várias famílias, que, havia mais de mil anos (o tempo era contado por eles pelo sistema dos leprosos nas gafarias) tinham caído ali pelas brechas abertas por um tremor de terra violento. Nenhum mal lhes sucedera; e ao verem-se prisioneiras daquela gruta subterrânea (uma abobada se formara logo a seguir à queda, fechando-as e isolando-as do resto do mundo) tinham procurado viver – alimentando-se das tais ervas espontâneas que cresciam à sua volta, bebendo a água que surtia das gretaduras das paredes e multiplicando-se, através dos séculos [...]”. O comentário de Leon de Castro não pode ser mais pessimista. “Esta lenda é fantasia e da pior, visto que não oferece um único ponto de lógica nem de graça... Nenhum historiador regista terramotos ao sul de Portugal no princípio do cristianismo (mil anos antes da tomada de Lisboa pelos lusos corresponde ao primeiro século após a morte do Salvador). Mas, nem que registasse, é preciso ter uma mentalidade infantil como a dos árabes para criar e crer numa mentira tão sem pés nem cabeça como esta de várias famílias caídas num abismo por uma fenda aberta por um abalo sísmico – famílias essas que continuam a respirar, a alimentar-se e a procriar, como se vivessem à luz do sol [...]”.

Não sou da opinião do ilustre catedrático sevilhano e tenho várias razões para acreditar piamente na lenda que ele colheu. E entre essas razões sobreponho a de que Lisboa esteve sempre ameaçada pelo mesmo estilo de terramotos do Japão, e no Japão há muito que os historiadores admitem essas hipóteses das fendas engolidoras de casas inteiras, com o seu recheio humano e não humano. No maior de todos, que foi o que destruiu todo o sul de Mentjura em 1760 (cinco anos depois do de Lisboa) esses casos foram frequentes. Nunca se pode comprovar, como é natural, se os entes engolidos pela terra eram logo esmagados ou se chegavam com vida aos ocios onde essas casas desciam. Mas... o que não me resta dúvida é que parte dos caminhos subterrâneos de Lisboa é produto espontâneo dos terramotos.

As descobertas do engenheiro Carvalho

Esta carta, juntamente com o já citado episódio do terramoto de Osaka, acabou por fazer faiscar a recordação da... recordação da minha meninice. Fácil me foi reconstituir a cena interrogando “pessoas maiores” que me acompanharam a esse jantar. Chamava-se Carlos Rodrigues de Carvalho o ancião que enchera a noite e sugestionara todos os convivas com a sua palestra. Era engenheiro, trabalhara muitos anos em África, e depois, por conta do Município, nas canalizações da cidade, e, por fim, foi contratado pela Companhia dos Eléctricos para dirigir certas obras preparatórias da montagem do tráfego mecânico. E entre façanhas e caçadas que tornaram num romance de aventuras a sua passagem pelos trópicos relatou – parece que o estou ouvindo – este episódio, o mais recente de todos. Chefiava ele umas escavações na Avenida da Liberdade, próximo da Praça da Alegria, ignoro se na época em que estava na Câmara Municipal ou se na em que pertencera à Carris. Recordo-me, sim, que por imprevistas necessidades tivera de profundar um poço a dez metros, ou mais, do solo, o que nunca lhe sucedera. Quando os operários atingiram aquela profundidade, sentiram, pelo atrito que se oferecia às suas picaretas, uma notável mudança de terreno. Mais: o ruído que o metal arrancava no seu contacto brutal com a terra variava e aumentava de sonoridade, de tal modo que a todos alarmou. Chamado pelo seu pessoal, o velho engenheiro ordenara especiais precauções, limitando a um círculo diminuto a zona que devia ser ferida em primeiro lugar pela

ferramenta dos operários... Logo aos primeiros golpes – ou seja a uma espessura de 15 ou 20 centímetros – acabara-se a resistência da terra, perdendo-se as picaretas no vácuo; e mal se rasgou o círculo calculado pelo engenheiro, ao olhar sôfrego daquela gente deparou-se uma cova de 10 por 15 metros, aproximadamente, esbranquiçada por uma claridade muito ténue e que não era a que escorria pela abertura recém-casada... Mas o que imediatamente alertou o engenheiro e os seus homens foi a descoberta da lisura do terreno e das paredes, todo o arranjo da cova, algo de geométrico, algo de calculado e realizado por um cérebro e por um braço humano; e ainda uma mesa e vária louça antiga, arrumada a um canto. Imediamente se dilatou a passagem, se buscaram escadas e se desceu à cova onde se viu além do já citado, alguns móveis, mais louça e até roupa esfiada e apodrecida pela humidade. Ao fundo havia uma nova abertura rectangular que dava para uma segunda cova; e desta passaram a uma terceira, através de outra abertura gémea à primeira. Pasmosas e emocionantes surpresas os aguardavam nesta terceira cova. Em primeiro lugar, uma das paredes era feita por um *retalho* (empregamos a palavra exacta que a memória nos reproduz) da fachada dum prédio, porta e janelas. Dir-se-ia que uma faca gigantesca *cortara* um *pedaço* do prédio e o colara ali. E digo colara, porque detrás das janelas (cujos vidros estavam estilhaçados) e da porta, aberta de par em par, erguia-se uma camada de terra, pedras que entulhavam a passagem para além... Mas não era tudo. Havia no centro da cova, uma mesa de jantar, cujas pernas estavam substituídas por peças de outros móveis, com toalha, já negra pelo tempo e pela terra caída; pratos, restos de comida em estado quase... de fosseis e cinco esqueletos humanos, caídos das cadeiras com as vestes que recordavam as em moda no século XVIII, completamente a desfazerem-se, como se fossem de cinzas...

Relembro-me ainda do remate que o velho engenheiro, ante o auditório que ele prendera numa verdadeira hipnose, dera à sua narrativa. “Ocultei o melhor que pude a minha descoberta, premeditando uma exploração em forma a decifrar completamente aquele mistério. O *Diário de Notícias* ainda bisbilhotou um pouco em redor do meu achado, sem que roçasse pela verdade. Mas foi o bastante para que se erguesse contra mim uma tempestade de invejas, de calúnias, de disparates, negando-se-me os recursos indispensáveis para tal empresa. Desisti de prosseguir, e mandei aterrar o que havia aberto. Mas quem quiser fazer o que eu não consegui, pode fazê-lo...”

Que segredo oculta esta revelação? Podemos ligá-lo ao que atrás contei? Podemos admitir a hipótese de que pelas fendas abertas pelo terramoto de 1755 desceram a abismos insondáveis, como cabines de ascensor, prédios inteiros, levando consigo, vivos ainda (vivos porque os prédios desciam intactos) os seus habitantes? Terão esses habitantes encontrado forma de resistir dentro do túmulo natural, no ventre da terra, alimentando-se como os heróis da lenda árabe, da velha Lisboa do século I? Se assim fosse ter-se-iam multiplicado, existirão ainda os seus descendentes?